

COISAS DA MEDICINA NO INÍCIO DE BH

Moacyr Andrade

I

Tivemos a honra de pronunciar, há dias, uma palestra na ilustrada Sociedade Brasileira de Escritores Médicos, sobre "Coisas da Medicina e médicos quando a Capital começava". São tópicos dessa palestra que, em série, serão publicados durante vários dias, nesta coluna.

ESTARRECIMENTO PARA OS MÉDICOS NOVOS — No que toca à Medicina e médicos hoje, em 1973 ao recordar, achamos pitorescos, engraçadíssimos, hábitos, práticas e mais coisas que eram então normalíssimas no afastado período da vida da cidade, que surgira não como transformação ou evolução de outra, o que acontece em geral com as cidades, que não se fazem aos saltos, mas decorrem de um curso normal. Foram povoados, distritos que evoluíram e chegaram a requerer os foros de cidade. Belo Horizonte foi fabricada, como pedra sintética, aproveitando-se do Cural del Rei só a área, a terra, para plantar-se nela, arrojadamente, uma Capital, com um projeto atrevido. Foi o "fenômeno Brasília" ocorrido em 1897... E com maior motivação para espanto, pois naquele tempo não havia os atuais recursos técnicos e o material com que contou Brasília, fabricada também como Belo Horizonte, mas no apogeu da industrialização do presente.

Assim como os avós daquele tempo se espantariam com as novidades da moda e hábito das jovens de hoje, desde a maneira delas amarem até a linguagem delas, também os médicos atuais, que estiverem na afixa dos 40 anos de idade, haveriam de espantar-se com a Medicina e os seus colegas, que a praticavam na cidade, cultivando-a com muito amor, bondade e heroísmo, ao cuidar da população enferma.

A nossa cidade no princípio não teria talvez dez médicos, alguns formados ainda no Império e outros já na República. Médico muito moço não produzia fé na população. Um médico que aqui surgiu muito moço, ainda a Capital no seu primeiro decênio de vida, foi o dr. Eduardo Borges da Costa. Aproximou aqui por acaso. Formado no Rio, queria ir clinicar no Acre, conforme conta o seu cunhado, dr. Guilherme Halfeld, autor de precisa biografia do notável cirurgião, que aqui chegou aos 26 anos e ficou, para felicidade

do povo e da Ciência que o grande médico enalteceu, pelo que fez como profissional na Cirurgia e pelo que criou em Minas no campo científico. Querendo o dr. Borges da Costa, ao formar-se, ir tentar a vida profissional no Acre, inculcaram-lhe amigos de Belo Horizonte, cidade novinha, que estava em fraldas, como campo propício para sua iniciação de médico que trazia, como acontece com qualquer profissional ao formar-se, o desejo de vencer na carreira.

Ele desistiu da idéia de ir para o Acre e veio para aqui. Chegou a Belo Horizonte (revela-nos o seu biógrafo) exatamente no dia 7 de setembro de 1906. Não encontrou acomodação em qualquer dos poucos hotéis da cidade. Todos estavam cheios de hóspedes para as festas de 7 de setembro. O médico moço, cansado da terrível viagem de trem com baldeação, do Rio até aqui, e coberto de poeira, graças à bondade de um hoteleiro, que não tinha um só quarto vazio, foi-lhe dada uma mesa de bilhar para dormir sua primeira noite na Capital. Sobre a mesa de bilhar foi posto um colchão com travesseiro e o mais do estilo. No dia seguinte, ele procurou tomar pé na cidade em que ia começar a sua aventura. Foi à Santa Casa, único hospital que havia aqui e que fora fundado por iniciativa da Maçonaria, o que hoje já terão esquecido. O antigo edifício da Santa Casa, desaparecido para ser substituído pelo portento de hoje (fruto da idéia e da coragem do dr. José Maria de Alkmim) tinha na fachada, sobre a porta principal, gravados e coloridos, os emblemas da Maçonaria: o esquadro, o compasso, o prumo.

O provedor da época recebeu o dr. Borges. Viu-lhe o diploma de recém-formado. Inteirou-se de sua prática de cirurgia, durante o curso na Faculdade. E logo lhe deu a função de chefe da cirurgia da Santa Casa. O ordenado que poderia a Santa Casa dar-lhe era de cem mil réis por mês. O dr. Borges recusou pagamento. Queria mesmo era trabalhar na profissão. Era o início da aventura do médico, com seu "canudo". "Canudo" era o nome corriqueiro do diploma e nome adequado e antiquíssimo no mundo. Porque as Faculdades entregavam aos formados o diploma encapsulado em um canudo de folha de flandres, com tampa. Lá ficava o título de seu saber bem resguardado. Era só jogar dentro bolinhas de naftalina, para evitar as traças. A obrigatoriedade do canudo de folha envolvendo os diplomas durou muito. Até 1930, a nossa Faculdade de Direito entregava a seus bacharéis diplomas encanudados.

VISITAS EM CASA — A Capital mineira, com costumes, superstições, hábitos da vetusta Ouro Preto, pois de lá viera a maior parte da população, preferia os médicos idosos. Como o vinho, quanto mais velho, maior confiança nele... Confiança na sua Ciência e no

mais... Porque o médico chamado entrava totalmente na intimidade do lar, como dono do caso que lhe exigira a presença. Não era só examinar o doente, dar a receita e ir embora, aguardando novo chamamento. Nada disso naquele tempo.

A clínica de consultório era a menor. O médico chamado ia ao cliente, como o profeta à montanha...

Os doentes queriam ser atendidos em casa. Até a linguagem, a maneira de dizer, naquele tempo, era diferente da atual. Hoje, quem sente um mal, diz: — Vou procurar o médico".

Antes, era assim: — "Vou chamar o médico".

E as doenças logo pediam cama. Com febre quem saía de casa para procurar consultório? Poucos. Só os paupérrimos.

Bastava mandar chamar o doutor. Sabiam os pacientes, por inculcamento de vizinhos ou parentes, ou pela fama de algum, qual o que deveria ser chamado.

E médico chamado comparecia logo, a pé, de bonde, ou de carro de praça puxado a cavalos, que eram os transportes da época, pois automóvel de aluguel até 1922 não havia mais de 20 na Capital e automóveis seus os médicos não tinham.

O dr. Cícero Ferreira atendia clientes, indo a cavalo às residências. Ônibus só apareceram lá por 1930. Antes havia um ônibus para Venda Nova, que passava pela Cachoeirinha. E os médicos iam, de bonde, de carro puxado a cavalo, ou a pé, fosse à Serra, à Floresta, ao Calafate, ao bairro do Quartel ou alto da Barroca de difícil acesso, coberta de mato com trilhos abertos pelos passos dos moradores das casuas e pelas rodas das carroças. Os médicos iam a tais confins, logo que chamados. As consultas custavam cinco ou dez mil réis. Demoraram muito a chegar a vinte mil réis.

JOSÉ CLEMENTE

Publicada no Estado de Minas de 24-05-73

I I

COMO SE LOCOMOVIAM OS MEDICOS — O único médico que, por aqui, tinha automóvel no princípio da Capital era o dr. Antônio Aleixo, então já apontado como grande facultativo, grandeza essa que aumentaria com o correr do tempo, pois todos sabem quem foi ele e a fama que alcançou na sua especialidade de dermatologista e leprologo, com a profundidade de seus estudos e a grandeza de sua observação, que resultavam nos êxitos profissionais de sua clínica e nos trabalhos escritos que deixou. Tornou-se um mestre acatado, com o nome conhecido, o que nenhum mineiro ignora, no país e no estrangeiro. A grandeza do cientista corria parelha com a sua bondade, a sua humanidade, a maneira de ser simples, modesto, sem um pingão de vaidade — ele que tinha motivos de sobra para orgulhar-se de seu incontestável valor. A referência geral a ele se sintetizava numa frase: "um sábio e um filósofo". O "filósofo" era a identificação popular do homem que todos reverenciavam como grande, imenso, e que se considerava igual aos menores.

O automóvel ele o adquiriu — e foi o primeiro carro particular em Belo Horizonte — para chegar mais rapidamente às casas dos doentes. E este primeiro automóvel particular produziria o primeiro atropelamento da Capital... Ao dobrar a esquina da Avenida Afonso Pena com Bahia, o carro do dr. Aleixo esbarrou num estudante que estava num grupo à frente do Cinema Odeon. Era o acadêmico de Direito Antônio Navarro. O rapaz caiu. O acidente não tinha qualquer importância. Nenhuma confusão. Só o susto. Quem se alarmou foi o próprio dr. Antônio Aleixo, que logo levou o jovem até a Farmácia Americana pouco acima, e pediu-lhe dessem um calmante, para o susto. Arranhão nenhum. Ossos e pele intactos. Só na calça do rapaz um rasgãozinho.

O dr. Aleixo fez questão de levar o estudante à Alfaiataria Coscarelli, uma das três ou quatro que haviam aqui, e mandou que lhe fizessem um bom terno de casimira. Mais tarde conheci o estudante que estreou a série, que passaria a ser infinita, dos atropelados de Belo Horizonte. Ficamos amigos. Tornou-se ele um grande professor. Era notável mestre de Matemática. Fez uma Aritmética, que foi elogiada pelo notável Paulo de Frontin, que a considerou a melhor existente no Brasil e a recomendou aos alunos da famosa Escola Politécnica do Rio, da qual era diretor. O professor Antônio Navarro, depois catedrático da Faculdade de Odontologia e Farmácia, recordava tal acidente de automóvel, pois ganhara um terno novo de casimira. E casimira inglesa! — Dizia que nunca mais vestira terno tão bom.

Assim, a Medicina se ligaria, na história, aos acidentes de automóvel da Capital...

OS ATENDIMENTOS — Os médicos, no princípio da vida da Capital, mantinham o mesmo sistema usado em toda Minas. Atendendo ao primeiro chamado para ir ver o doente, o facultativo ia e não seria necessário o doente pedir-lhe para voltar. Era certo que ele lá estaria à beira de sua cama no dia seguinte e nos seguintes, tantos quantos, no entender dele, fossem necessários, para ver o doente de pé. Só deixava de ir quando "dava alta" ao enfermo. Tomava conta do caso, não esperando novo chamado. Sabiam nas casas a hora em que o doutor faria a visita diária ao seu doente. Uns iam pela manhã, o que era mais comum, outros à tarde. Mas não faltavam.

— Está chegando a hora da visita do doutor.

E preparava-se a bacia de louça com o jarro cheio de água e uma toalha bem passada a ferro e muito branca, para que o médico lavasse as mãos.

Muitas vezes teriam de lavá-las como Pilatos nos casos em que a Ciência não pudera arribar o doente e Deus se eximira de comparecer para dar guináu na Medicina...

E em nenhuma casa faltava ainda o café, com ótimas quitandas especialmente arranjadas para o doutor. Quitanda, naquela época, não designava para a população mineiríssima de Belo Horizonte, as verduras. Quitanda era nome só para broa, bolo, pão-de-ló, biscoitos etc...

Era assim, exatamente assim, realizada a Medicina pelos drs. Cícero Ferreira, Salvador Pinto, Ernesto Senra, Carlos Marques, Cornélio Vaz de Melo, Olinto Deodato dos Reis Meireles (que foi depois ótimo prefeito de Belo Horizonte), Maximiano de Lemos, Antônio Paulino, João Batista de Freitas, Pedro Paulo, Antônio Aleixo e Benjamin Moss, este também oficial médico da Brigada Policial. Além de querido como médico era estimado pela arte de fazer amizades, com seu temperamento alegre, brincalhão, o que agradava a todos e valeria como terapêutica para animar os doentes.

Quando, por viagem ou outro motivo, o médico assistente não podia, algum dia, ir à casa para a visita, mandava avisar e pedir desculpas ou então lá ia um colega de sua confiança em seu lugar. Esses hábitos faziam parte da ética médica e social da época.

JOSÉ CLEMENTE

III

HABITOS — RELAÇÕES MÉDICO-DOENTE — Nos primeiros tempos da Medicina por aqui, os costumes profissionais dos médicos eram os de todo o Estado nas relações médico-cliente. Só depois que o clínico dava "alta" ao enfermo é que apresentava a conta do trabalho. Tal conta resultava da multiplicação do número de visitas feitas pelo preço cobrado para cada uma. É claro que às vezes ia a preço alto, quando a enfermidade se prolongava. Pneumonia, por exemplo, era moléstia de tratamento demorado e das que mais affligiam os médicos e principalmente os enfermos, pela precariedade de medicação adequada. Pneumonia, que hoje só excepcionalmente assusta, neste tempo de penicilina e antibióticos para quase tudo, era de mau presságio. Sentiam-se felizes — e o êxito corria de boca em boca, com gabos ao doutor — os médicos que conseguiam pôr de pé um cliente atacado de pneumonia. Então, se ela atingia os dois pulmões, era na opinião do povo morte certa. Os médicos a diagnosticavam pela auscultação e outros sinais. Em raio X não se falava em tal época. No estetoscópio e, sobretudo, no bom ouvido do médico, tanto para pulmões como para coração, é que estava a esperança de doentes e seus parentes. Elogios a alguns doutores eram logo seguidos a seu aparelho auditivo: "Que ouvido!..."

Um médico — o dr. João Viana — que se especializara em Viena, tinha um hábito interessante.

Quando a moléstia se prolongava e, portanto, as suas visitas ao enfermo iam além de uma semana, ele, na visita do sábado, dizia ao cliente: "Esta visita hoje é do amigo, não tome nota dela".

Seria uma visita a menos para pagar. Os clientes gostavam dessa visita-brinde do ilustrado e humanitário dr. João Viana. Ele foi um dos fundadores, professor e também diretor da Escola de Odontologia, segundo estabelecimento de ensino que aqui surgiu, pois o primeiro foi a Escola Livre de Direito — que assim se chamava, e veio transferida de Ouro Preto.

Havia, porém, doentes que não esperavam a conta final do médico e pagavam, diariamente, a visita.

Ao sair, o médico recebia uma nota de dez dobradinha dentro de um envelope. Não era a nota entregue descoberta, o que seria indelicadeza...

Um capitalista, aqui muito conhecido, tinha por hábito pagar a visita do médico imediatamente. Não deixava juntar. E essas visitas duraram muitos anos, porque ele era entrevado e ficava em casa assentado na cadeira de balanço. Mas exigia ser cuidado pelo

médico todos os dias. Era rico, podia querer isso. E o seu médico, que não faltava, ponderou-lhe certa vez não haver necessidade alguma daquele pagamento diário das visitas. Deixasse juntar e pagaria no fim do mês. Para que tal incômodo? — disse o médico.

— Incômodo nenhum, doutor, respondeu o homem, pois as notas para o senhor já estão em maços ali dentro da "burra" (cofre forte). É só tirar e pôr no envelope. Não custa.

E aduziria, para fortalecer a razão de querer pagar na hora cada visita: "Doutor, sou homem de negócios (ele era dono da maior parte dos açougues da cidade e proprietário de muitos lotes e casas) e, pelo que tenho observado na vida, toda conta de médico fica grande demais quando entra no inventário... E eu não sei o dia em que vou morrer. É melhor pagar a visita na hora... é melhor".

O médico achou engraçada a explicação e não se magoou com a descortesia, pois o homem era rico, mas simples, e não percebia que estava sendo indelicado com o doutor.

E o que veio depois, mais tarde?

Um dia ou uma noite, o homem se sentiu muito mal, de repente. Foi chamado o médico às pressas. Não houve jeito. Não valeram as injeções de óleo canforado (este era o grande restaurador em uso) nem valeram outras providências. Morreu.

E a cidade inteira ficou sabendo (a população não era ainda de 100 mil pessoas e os fatos eram sabidos na capital inteira, mesmo os mais ocultos) que aquela única e última consulta que o capitalista não pudera pagar na hora, virou conta taludíssima no inventário...

O homem era profeta...

JOSÉ CLEMENTE

Publicada no *Estado de Minas* de 30-05-73

IV

CARTÕES DE CONSULTA — As idas de doentes aos consultórios, na capital nascente, como já dissemos, não eram muitas, porque o hábito era chamar o médico à casa.

É os que iam aos consultórios também não usavam pagar a consulta na hora. Deixavam para depois.

Entretanto, alguns clientes insistiam (teriam de insistir) e pagavam no momento da saída.

Nada de "cartões" para pagamento antes de entrar o consultante para ser atendido. Tal moda demorou demais a pegar em Belo Horizonte. É prática que passou a vicejar na década de 1940 ou depois. Médicos, que logo instituíram os "cartões de consulta", os viam quase todos na gaveta da mocinha que ficava na ante-sala, pois os clientes ou não os pediam ou os recusavam, se ela os oferecesse. Mas eram atendidos assim mesmo.

Havia aqui um médico, do qual fui amigo, o excelente e caridoso dr. Josefino Satyro Santa Rosa que, logo de cara foi contra a novidade dos "cartões" e a criticava. Ouvia dele isto: "Aqui não é armazém, dá o dinheiro e leva a barra de sabão ou o quilo de arroz... O doente tem de ser atendido, quer alívio e pode não ter no momento dinheiro para a consulta. Para que desapontá-lo, exigindo o pagamento prévio? O médico tem de curar o sofredor. Foi esse o nosso juramento..."

E ainda, fortalecendo esse seu dizer, repetia, em bom latim parte do juramento hipocrático que fizera ao formar-se na Faculdade e que tinha de cor.

"Cartão" em consultório foi aqui lançado pelos dentistas sem êxito no começo, até que o sistema pegou. O lançador da novidade espantosa foi o cirurgião-dentista Mário de Castro, que para Belo Horizonte veio, formado em Odontologia na América do Norte, trazido especialmente para ocupar a cadeira de Clínica e Técnica Odontológicas no Curso de Odontologia da atual Faculdade de Medicina da Universidade. Porque esta, ao fundar-se, tinha três cursos: médico, farmacêutico e o de Odontologia. A Faculdade de Medicina depois extinguiu os cursos de Farmácia e de Odontologia, ficando só para formar médicos. Teve de extinguir aqueles dois cursos, porque onerosos para as suas finanças, pois poucos eram os alunos que neles se matriculavam. Pelo Curso de Odontologia da Faculdade de Medicina só se formaram três alunos. Na primeira turma, em 1915, dois alunos: eu e Lincoln Alves Barbosa Melo. Na segunda turma, em

1916, só se formaria um aluno: João Segismundo de Souza e Silva. Da turma de 1915, que foi a minha, sou o único sobrevivente, pois o outro colega morreu cerca de cinco anos depois em Sete Lagoas.

A primeira turma de farmacêuticos da Faculdade de Medicina foi diplomada em 1916.

Na história da Faculdade de Medicina da U.M.G., publicada por ocasião do cinquentenário da Faculdade, não se faz menção alguma ao Curso de Odontologia, que integrava a Faculdade, ao ser fundada. É claro que a omissão se devia à deficiência das informações dos funcionários que forneceram os dados ao historiador, que foi o nosso caro Mário Mendes Campos.

Escrevi ao diretor da Faculdade, chamando atenção para a omissão. Dele recebi uma carta, pedindo desculpas. É que faço questão da verdade histórica, porque esse diploma de cirurgião-dentista pela Faculdade de Medicina de Minas é o único que tenho. Pelo fato de ter deixado a profissão, depois de dois anos de exercício, não o estimo menos.

Os "cartões de consulta", adotados pelo dentista Mário de Castro na sua Clínica, serviram de modelo para outros dentistas e, muito mais tarde, os médicos passaram a adotar tal sistema, mas ainda timidamente, até que virou norma de aceitação geral. O pioneiro — saibam — foi o dentista Mário de Castro no seu gabinete, porque era "gabinete" e só "gabinete" que se denominava no passado sala do dentista. Depois veio o batismo "consultório" e, também dentista passou a ser chamado "odontólogo", palavra a que tenho ojeriza. Isso de mudança de nomes para atividades profissionais não altera a substância, mas exerce no psiquismo popular alguma influência... No passado, aqui na Capital, médico que atendia coisas da gravidez, era só chamado "médico parteiro". O dr. Inácio Magalhães tinha em sua casa, à rua Rio de Janeiro, esquina de rua Goitacazes a placa: "Dr. Inácio Magalhães — Médico parteiro".

Alguns anos mais tarde, quando Belo Horizonte já se emproava, querendo mesmo mostrar-se digna do título de Capital, um médico ao ser procurado por um cidadão que disse ir chamá-lo porque sabia ser ele médico-parteiro, assim emendou o interlocutor: "Parece que o sr. quer dizer obstetra ou ginecologista..."

Alguns acham que o sistema de "cartões" nos consultórios de médicos é uma mina para eles...

Hoje, com a Capital de mais de um milhão de habitantes, seria possível não adotá-los, quando sabemos que os que sentem um mal imediatamente pensam em ir procurar o médico, mas se tornam amnésicos quando do pagamento da consulta?

Só mesmo com "cartões"... Cartões ou então Instituto, com as filas tenebrosas. E mesmo com "cartões de consulta", formam os médicos da Capital a classe dos nababos da cidade? Não. Tal classe — todos sabemos — é formada por outros que não aliviam dor alguma, nem espancam atribuições, mas as criam com pertinácia e arte... Certíssimos os "cartões" nos consultórios.

JOSÉ CLEMENTE

Publicada no *Estado de Minas* de 31-05-73

V

MÉDICO ERA PARA TUDO — Médico, no início da Capital, e até quando já atingia ela o seu 30.º ano de vida, tinha de ser para tudo. Ainda não comportava a cidade especialistas, exclusivamente atendendo dentro de sua especialidade. Alguns médicos bem que punham nas suas placas e anúncios a sua especialidade. Mas isso não impedia chamados para atenderem a tudo e a todos: crianças ou adultos. Nada de médicos só pediatras. O dr. Inácio Magalhães tinha na placa escrito: "médico-parteiro", mas era chamado para qualquer caso, e ia atender.

Médico para partos também era pouco solicitado. Partos ficavam por conta das parteiras. Elas sabiam quais os casos que pediriam intervenção do médico, antes ou durante o parto, e avisavam às pacientes. Fora daí, o trabalho era exclusivamente realizado por elas, que acompanhavam os casos, chamadas bem antes do parto propriamente dito. Médico-parteiro só entrava na jogada nos casos graves e sérios.

Havia três parteiras no início da cidade. A mais procurada, d. Júlia, que morava atrás do Palácio da Liberdade. Envelheceu no ofício, prestativamente e muito estimada. Os médicos a recomendavam, pois sabiam que ela cumpria bem a sua missão, com técnica na "hora H" e na prescritividade de conselhos às parturientes, tudo de acordo com as normas então vigentes e que hoje fazem rir.

Assim, as parturientes bem sabiam que o perigo estava em "quebrar o resguardo", que durava 40 dias. E sabiam que durante trinta dias nada de banho geral!... Que se arranjassem para a indispensável higiene de outra maneira, porque o banho geral era

proibido como perigo. E é claro que os banhos gerais seriam de água tépida, pois mulheres naquele tempo não usavam banho frio no comum da vida diária. Banho frio era só para homens. Havia muito medo de água fria.

Até para beber, aos doentes de febre não se dava água fria, mas amornada. Era o hábito. Eu mesmo, com a febre brava da gripe espanhola" (e isto já em novembro de 1918) bebi água morna. A recomendação era esta: "quebrada da frieza..."

"Cada tempo com seu uso, cada roca com seu fuso" — é o velhíssimo provérbio...

OS PARTOS — A citada d. Júlia pode ser considerada responsável pela vinda ao mundo de quase todos os sexagenários ou septugenários que ainda estiverem por aí, nascidos em Belo Horizonte.

E os partos só se faziam em casa.

As parteiras sabiam como proceder nos casos de demora ou dificuldades para a coisa chegar a termo. Uma injeção de pituitrina, um jeito de mãos e pronto!... Lá vinha a criança chorando. Se viesse desacordada bastava pegá-la pelos pezinhos e badalar, como sino... E o serzinho daria logo prova evidente de que estava pronto para entrar neste vale de lágrimas...

Custou demais a pegar a moda de ir ter filho em hospital.

A verdade é esta: tal modo, no princípio de seu inculcamento, era considerado pela população tradicionalista esnobismo puro, vaidade, desejo de mostrar importância, luxo apenas...

Hospital só em casos excepcionais. E também não havia a profusão de hospitais de hoje. Só a Santa Casa, que depois bem mais para diante, se ampliaria com o Sanatório Hugo Werneck, que passaria futuramente a ser o "São Lucas". E o Hospital S. Geraldo. A Maternidade Hilda Bueno Brandão, pertencente à Santa Casa, só surgiria no governo Bueno Brandão (1910-1914) e principalmente para servir à pobreza. Foi o governo que mais deu (ou deu tudo) para sua construção. Daí ter ela o nome de "Hilda Bueno Brandão", esposa do presidente Júlio Bueno Brandão. O próprio dr. Hugo Werneck, aquela eminência da Medicina que toda a Capital conhecia e cuja fama era respeitada como cirurgião e ginecologista, atendia a clientes com quaisquer enfermidades. Manter-se um médico dentro exclusivamente da sua especialidade era difícil, pois teria de mais rejeitar os chamados do que a eles atender.

Um especialista do início da vida da Capital que conseguiu ater-se à especialidade foi o dr. Virgínio Bhering. Especializado no estrangeiro (o que era muito importante para o povo e até hoje influi nos espíritos) o dr. Virgínio Bhering tinha na sua placa gravado: "Médico oculista".

Foi o primeiro médico-oculista que teve a cidade. Morava num sobrado da avenida João Pinheiro esquina da Rua Timbiras e, em uma vitrina, à frente da sua residência ficavam expostos, reluzentes, os instrumentos usados pelo profissional.

A vitrina era contemplada por todos, do dia à noite, quando permanecia iluminada até ali pelas 10 horas. Era reclame permanente que embasbacava o povo. Parava-se naturalmente para contemplar aqueles instrumentos estranhos. Depois surgiram outros especialistas em olhos, como o dr. Santa Cecília, mais para diante o Dr. Lineu e assim vieram outros mais, até chegar a Capital a possuir hoje, essa eminência da Oftalmologia, prestigiado dentro do país e no estrangeiro, que é o professor Hilton Rocha.

O POVO E AS ESPECIALIDADES — Só concebia a população do começo da Capital uma diferenciação na obrigação dos médicos: ser operador ou não ser. Entretanto, mesmo os sabidamente só cirurgiões eram convocados para tudo: gripe, sarampo, fosse para o que fosse. E iam atender. A possibilidade de manter-se o profissional dentro de determinada especialidade custou em Belo Horizonte. Ela viria com o aumento da população, que foi lento. Dizia-se que a Capital não evoluía, não crescia. E era verdade. Dava até a impressão de que andava para trás.

Os médicos, economicamente, teriam de sofrer o resultado dessa situação que parecia eternizar-se. Depois mudaria.

Hoje — as especialidades médicas são sem conta. Para cada órgão, vaso, ou glândula, há um médico ou vários, para a escolha.

Ainda chegaremos certamente ao desdobramento, no evoluir da Ciência Médica, da Otorrinolaringologia, ficando um profissional com o ouvido, outro com o nariz ou outro com a garganta...

Testemunhei um fato que bem comprovava a incapacidade de conceber a população um doutor médico que não atendesse a tudo. Tal fato ocorreu em 1915, quando aqui já havia a Faculdade de Medicina. Contratado na Alemanha para lecionar Histologia na Faculdade aqui morava o médico dr. Walter Habermeld. Só cuidava da Anatomia Microscópica, juntamente com sua esposa, também médica, dra. Relly Axter Habermeld. Morava o casal à rua Tamóios, entre a avenida Afonso Pena e rua São Paulo. O dr. Habermeld era apontado como um notável cientista, quando passava nas ruas.

Certa noite, conhecido e rico comerciante foi chamá-lo com urgência para ir ver a esposa que estava passando mal.

Ele, é claro, recusou, explicando que não atendia, não clínicava.

— Mas o sr. não é médico? Não dizem todos que o sr. é uma notabilidade? Como não quer ir?

O dr. Habermeld tentou elucidar o homem com suas explicações. Foi inútil.

O negociante saiu a dizer desaforos e no meio da rua gritava, em frente à casa do médico Habermeld:

— Doutor de uma figa! Estrangeiro de borra! Diz que é médico, que é isso e mais aquilo e não serve nem para ir ver uma senhora doente!

Estava uma fera.

Eu passava no local e vi o seu desabafo. Não admitia o homem nem a especialidade em Anatomia Microscópica...

Era assim naquele tempo. Sendo doutor, era para tudo. E isso vinha de longe...

Quando, na Capitania, aqui esteve o sábio Saint Hilaire, ao chegar aí pelas bandas de Sabará, muitas pessoas o procuraram, querendo consultar com o "doutor". E Saint Hilaire era botânico. Bem que ele quis evitar.

Tantas foram as insistências e a esperança no doutor estrangeiro, que o governador o recebia com grandes atenções, porque recomendado pela metrópole, que Saint Hilaire teve de atender a vários solicitantes que andaram léguas compridíssimas para a consulta... E receitava. Não sabemos o que... E nem se produzia curas. Ele era botânico...

Repetia-se, ao vivo, a criação imaginosa do "Médico força" de Molière.

JOSÉ CLEMENTE

VI

EXTENSÃO DO RECEITUÁRIO — Hoje, há preparados para todos os males. Tudo feito. Basta, com a receita médica, ir à drogaria, pedir e pagar. E até sem receita médica... Como padeciam os médicos de Belo Horizonte, no princípio! Era reduzido o número de preparados, pois insignificante a indústria farmacêutica no Brasil. Remédios fabricados vinham mais do estrangeiro. Os médicos tinham de examinar o cliente, diagnosticar e formular as receitas para que as farmácias as aviassem. E o povo gostava de receitas longas. Não havia fé em receitas curtas. Coisas do povo... Qualquer um achava ruim, depois de examinado, receber do médico só o nome de um preparado escrito numa única linha... Para isso, não valeria gastar dinheiro (era o modo de pensar) porque tal remédio estava nos anúncios e até era visto nos cartazes de propaganda pespegados nos bondes...

Queriam ver o médico, compenetradíssimo, calado, de óculos, numa mesa, a meditar para escrever a receita do xarope, poção, pílula ou cápsula, que deveria curá-los. Queria o doente saber que por causa de sua doença, só para ela e por ela, o médico estava ali, dando trabalho aos miolos, formulando, a meditar sobre os ingredientes que conviria juntar na fórmula e nos miligramas de cada um... Queria ter certeza de que, para o seu caso, mobilizavam-se almofariz, tamis, retortas, funis, cálices, filtros e a balança de precisão na sua fidelidade clássica dando a última demão à operação, aquele jacaré de ferro, eterno e silencioso habitante das farmácias, para ajeitar as rolhas de cortiça ao gargalo dos frascos, que lhe chegaria às mãos com aquele "casquete" de papel pregueado como saía "godé"... Isso é que queriam todos. Remédio assim é que inculcava fé na sua eficiência... Ai do médico que não formulasse e se limitasse a receitar preparados fabricados!

Podia contar com a desconfiança coletiva em sua ciência... Estava desmoralizado.

Prevalecia, já enraizado na mente popular, tal a ancianidade, este ditado com trocadilho: "Médico que não "for...mula" é burro".

E os médicos sabiam também que as receitas compridas tinham muito prestígio...

Diversos deles eram conhecidos pelo comprimento de seu receituário.

Esses atacavam com as armas o organismo do cliente por todos os setores. Receitas perfeitamente estratégicas. Dos males que o

doente tivesse era tal a diversidade dos ataques do receituário, que algum, na certa, capitularia...

O dr. João Batista de Freitas, que foi um dos fundadores da Faculdade de Medicina e seu primeiro secretário, era citado pela extensão de suas receitas. E muito procurado, pois atacava tudo e sempre o doente se sentia aliviado de algum de seus males.

Era, com o olhar a retratar a esperança de cura que o doente, agradecido, corria os olhos na receita extensa que o bondoso médico lhe entregava.

E vigorava o sistema de querer o médico ver o remédio de pronto para ser usado.

A cor do remédio era importantíssima. Tinha tanto valor a cor do remédio quanto tem a cor das tintas para o pintor. Porque a cor do remédio receitado era o resultado dos conúbios dos corpos químicos que o doutor incluía na receita. Assim, o remédio teria de ser amarelado ou cinzento ou marrom claro ou escuro ou branco...

Se a cor não fosse aquela estabelecida pelo rigor da Farmacologia, seria porque o farmacêutico deixara ao preparar a fórmula, de incluir este ou aquele ingrediente que estava na receita.

Médicos exigiam ver o vidro da poção ou xarope, para verificação da cor. Bem que recomendavam ao doente e aos de casa: "Terá de vir um remédio marrom escuro", ou marrom claro, ou cinzento, conforme a sua receita.

E não ficavam satisfeitos só com tal aviso. Preferia ver.

O frasco lhes era levado, ao vir da farmácia. Diziam, depois de mirá-lo e vascolejá-lo: "Está bem, pode ser dado ao doente".

Mas também, muitas vezes, não concordavam com a cor. Reconheciam que o farmacêutico não incluía na fórmula certa substância.

Mandavam voltar o remédio à farmácia. O farmacêutico não gostava e declarava ter usado um sucedâneo do sal receitado, porque era a mesma coisa...

O médico, então, estrilava e exigia obediência rigorosa ao que receitara.

As turras entre médicos e farmacêuticos eram freqüentes demais.

Alguns ameaçavam o farmacêutico displicente denunciá-lo à Diretoria de Higiene, órgão oficial fiscalizador.

Quando não era a cor, era o sabor que o doutor queria verificar. Com uma colherinha, provava o remédio.

Certificado de que tudo estava OK, de que o gosto devia ser aquele mesmo, ficava satisfeito.

Era de rotina perguntarem os médicos ao cliente em qual farmácia iria ser aviada a sua receita. Diante da resposta, diriam:

"Ótima, de confiança, muito conscienciosa". Ou então pediam para ver o remédio antes de ser tomado pelo enfermo. É que duvidavam do zelo da farmácia citada.

Eram sempre escrupulosíssimos. A cor era importante. E o sabor também.

"CIGARROS DR. BORGES" — A cidade tinha até conhecimento de fórmulas preciosas de alguns médicos para determinadas doenças. Eram verdadeiros "porretes" para liquidá-las. Os farmacêuticos gabavam tais fórmulas de alguns doutores. Sabiam-nas de cor. E eram citadas assim: "a fórmula do doutor Fulano cura isso". Falava-se "a fórmula", tão famosas se tornaram pela sucessão dos êxitos que o médico obtinha com elas. O dr. Borges da Costa, que aqui chegou quando a Capital só tinha nove anos, possuía fórmulas assim, como o dr. Antônio Aleixo e também outros colegas. O dr. Borges — como era fumante, arranjou uma combinação de fumos para cigarros que não fazia mal à saúde, e mandou a fábrica do sr. Francisco Fernandes fazê-lo só para uso dele, dr. Borges. Era o sr. Fernandes o dono da Charutaria Flor de Minas, que ainda existe. A repercussão entre o povo de que o dr. Borges só usava cigarros com um combinação de fumos que não produziam os males comuns do fumo, ganhou a cidade. Então, Francisco Fernandes, com consentimento do médico lançou uma marca de cigarros com o nome "Cigarros dr. Borges", feitos com a combinação de fumos que o dr. Borges usava. E esses "Cigarros dr. Borges" tinham muita extração. O nome prestigiado do doutor era o fator principal para a procura.

— "Eu passei a usar os "Cigarros dr. Borges" as palpitações que eu tinha sumiram" — ouvia-se de inveterados e velhíssimos fumantes... Coisas do passado desta capital...

JOSE CLEMENTE

Publicada no Estado de Minas de 07-06-73

VII

ALERGIA A HOSPITALIZAÇÃO — Não eram, no passado de Belo Horizonte, que se ia formando como Capital, relutante em abandonar os hábitos antigos pelas práticas novas, apenas os partos que se faziam em casa. Intervenções cirúrgicas, que não exigissem aparelhagem fixa só possível em hospital, teriam de ser praticadas nas casas pelos operadores. Havia muito medo de hospital na população ainda carregada de abusões e preconceitos. Comum a opinião de que ir para hospital já era para morrer... E os quartos de enfermos nas suas residências ficavam cheios de utensílios, levados para as intervenções cirúrgicas domésticas.

— Não quero ser operado em hospital não, doutor! Pelo amor de Deus, não me leve. Prefiro morrer a ir para o hospital!

Ouvir isso era tão comum... E lá ia o médico operar em casa, em quartos que se mantinham fechados, com pouco ar e escuros. Porque, em geral, quarto de doente ficava fechado e escuro... Havia pavor do ar. "Ar encanado", então, era tiro mortal...

DIAGNOSTICAR ERA DUREZA — E como lutavam os médicos para os diagnósticos! Tinham de possuir não um sexto sentido, mas muitos mais, para chegarem às conclusões certas em variados casos, dados os meios então existentes para descobrir enfermidades.

Raio X só apareceria mais tarde. Um, na Santa Casa. Não se apelava para as pesquisas elucidativas de laboratório, como acontece hoje. E também não havia laboratórios montados para as análises. Era no Laboratório de Análises do Estado que se faziam alguns dos exames que então se pediam.

Pedia-se exame de sangue só para descobrir a sífilis e entregar ao cliente o resultado positivo com as três cruzinhas, o que o punha mais pálido do que o próprio treponema...

Pedia-se, sim, exames de urina ou de fezes. Ainda não havia o danado do colesterol, que demorou demais a comparecer para assombrar sobretudo os velhos.

O primeiro Laboratório, perfeitamente instalado para pesquisas, aqui surgiu depois de 1930, instalado pelos professores Carlos Pinheiro Chagas e Almeida Cunha, seus proprietários.

Depois, com o exemplo dado por tal pioneirismo e porque a cidade crescia e a Medicina, avançando, já pedia mais análises para os diagnósticos, foram surgindo outros.

Antes exames de urina e fezes eram feitos em farmácias e não em todas. E como resultado da positividade franca do microscópio nas pesquisas de sangue, lá vinha o terror: a sífilis! a sífilis!

Havia muita gente que ficava tão abalada com o resultado positivo, que o médico, diplomaticamente informava aos apavorados ser possivelmente "sífilis hereditária". Os antepassados dos clientes que ficassem com o labéu...

Porque sífilis era coisa de temer. Só combatida com mercúrio. Calomelanos e bismuto eram as armas. Até que surgiu o "606" e depois o "914", como novidades abençoáveis da ciência médica, para tranquilidade geral dos povos...

Aplicação da injeção de 914, quando por aqui apareceu, era um cerimonial complicado e grave. Os médicos eles próprios — mostravam-se apreensivos ao aplicá-la.

Vi ser dado "914" em alguns amigos que dela precisavam.

O paciente na véspera teria de tomar laxante forte e não se alimentar. Só chá e nem sequer torradas. Dormir cedo. No dia seguinte, pela manhã, o médico iria dar-lhe o 914. Depois de algumas horas, ele poderia alimentar-se com caldo ou canja fraca e chá com umas torradas sem manteiga. E não sairia de casa. Repouso. Deitado. No terceiro dia, o médico iria examiná-lo e então permitiria uma alimentaçãozinha mais forte.

Isso impressionava demais.

E havia os que tinham medo irremovível do 914 e queriam tratar-se pelos antigos meios terapêuticos, aqueles meios que não impediram a voga de sentença: "Sífilis uma vez, sífilis para a vida toda".

Sei que isso cheira a fantasia.

E era essa a realidade do tempo. Hoje, a sífilis não mete mais medo a ninguém. A gripe é que continua desafiadora, na época da superabundância dos antibióticos para tudo. Antibióticos que tornaram risíveis até as outras moléstias venéreas, que, no início da capital, eram veneráveis pela ancianidade...

Como mudou tudo!...

JOSE CLEMENTE

Publicada no Estado de Minas de 07-06-73

VIII

Falar, presentemente, a médicos jovens em "ventosas", despertará riso e admiração interrogativa. Tenho experiência pessoal de que essa é a reação, porque ainda elas me refiro, ao lembrar algum episódio passado, nos quais elas figuravam.

Para mim, as ventosas eram familiares, como para toda a Capital, que bem sabia perfeitamente para que serviam e que lhes bendizia os efeitos.

É que ainda as encontrei aqui em 1913 e durante alguns anos para diante, aplicadas rotineiramente pela Medicina. Ventosas sarjadas ou não.

E ainda convivi até com as sanguessugas...

Essas os médicos locais não as tinham, mas mandavam buscá-las com o sr. Moura, um barbeiro muito simpático, de cavanhaque e cartolinha, que as criava e as aplicava para sangria. Tinha isso anunciado nos jornais. A sua barbearia era à rua Rio de Janeiro, esquina da avenida do Comércio, que muito mais tarde passou a denominar-se Santos Dumont. As nojentas sanguessugas ficavam expostas em vidros, na vitrina da barbearia do sr. Moura. Os médicos pediam-nas e "Seu" Moura as enviava. Eram colocadas nos doentes, na parte onde deveria ser tirado o sangue. Agarravam-se à pele, geralmente do braço, pernas, nádegas, ou costas. Chupavam o sangue e se entumesciam. Quando fartas do repasto hemofágico, soltavam-se. Se fosse necessário, punham-se outras no mesmo local, para tirar mais sangue. Isso dependia do critério do médico. As sanguessugas já cheias eram depositadas em água e soltavam o sangue. E estavam prontinhas para novas aplicações. Uns médicos preferiam sanguessugas, outras ventosas sarjadas.

O sarjador era um aparelho pequeno, de fabricação francesa, com vários fios de navalha que, movidos por um botão, apareciam e sumiam, mas cortavam a pele. Logo em seguida aplicava-se a ventosa e o sangue vinha dos cortes abertos pelas navalhas do sarjador. Era a sangria.

Fora das "ventosas sarjadas", simplesmente as ventosas eram de aplicação comum, não dependendo da indicação médica. Os próprios pacientes as usavam, para alívio de dores. Tinham em casa aqueles copinhos vendidos nas farmácias e sabiam utilizá-los, fazendo o vácuo no recipiente com chama de álcool e logo aplicando-o na parte dolorida, para a sucção aliviadora.

Isso aqui eu vi aplicado demais. As práticas da Medicina estavam nesse estágio — despedindo-se das sanguessugas, mas ainda amigas demais das ventosas. Leio agora numa revista "O Médico Moderno", a informação de que em S. Paulo, em Moji, neste ano da graça de 1973, um médico ainda aplica sanguessugas...

O ARROJO DA FACULDADE DE MEDICINA — Aqueles médicos tranqüilos que aqui principiaram a curar a gente da cidade, conhecidíssimos da população que em 1913 era de menos de 60 mil almas, e outros que foram vindo, eram portadores de um ideal. Sonhavam dar uma Faculdade de Medicina a Minas. O dr. Cícero Ferreira, o médico que para aqui veio com a Comissão Construtora, alimentava no espírito tal chama que pareceria, levando-se em conta as dificuldades da época e a realidade da "paradeira" em que estava a cidade, destinada a apagar-se. A iniciativa de Cícero Ferreira tornou-se causa da Associação Médico-Cirúrgica de Minas, já fundada em 1910. Os médicos agiram aceleradamente. Em 3 de março de 1911 resolviam a criação da Faculdade, um mês depois faziam os estatutos, que trazem as assinaturas de Cícero Ferreira, Cornélio Vaz de Melo, Olinto Meireles, Zoroasto Alvarenga, Hugo Werneck, Antônio Aleixo, Eduardo Borges da Costa, Samuel Libânio, Alfredo Balena e Otávio Machado, que foi o relator. Em 15 de junho de 1912 instalava-se a Faculdade e em 30 de julho lançava-se a pedra fundamental no Parque Municipal, que era imenso. Foi o primeiro corte na sua área primitiva. Miguel Couto foi o paraninfo da solenidade. A Faculdade funcionou no seu primeiro ano no 3.º andar do Palacete Thibau, à avenida Afonso Pena, onde funcionava nas lojas a filial da famosa Altaíatária Guanabara, do Rio. Era o prédio maior da cidade naquele tempo. O dr. Cícero Ferreira — o grande pai da idéia — foi escolhido diretor da Faculdade.

Muitos duvidavam do êxito da iniciativa. Julgavam arrojo demasiado dos mineiros, pois até S. Paulo, que era Estado dos arrojos não tinha ainda Faculdade de Medicina... Eram os comentários dos São Tomés numerosos... Até médicos duvidavam. Em jornais do Rio houve críticas à aventura mineira. Escreveram que iria haver falta de cadáveres para estudos. Foi aventada a hipótese de estudos anatómicos em manequins, fabricados perfeitíssimos na Alemanha... E a Faculdade foi continuando heroicamente, sem que lhe faltassem cadáveres. Cresceu, triunfou, chegando ao monumento de ensino universitário que hoje honra a cultura científica do País.

Mas teve, no início de vencer obstáculos e a descrença de tantos.

Alguns dos alunos que lá estudavam concorreriam para abafar-lhe a projeção porque se transferiam no último ano para a do Rio, para se formarem na famosa Faculdade de lá... Estudavam aqui, forniam-se de conhecimentos aqui com os nossos grandes professores, mas queriam sair com o diploma da Faculdade do Rio, pois a nossa era provinciana, ainda sem retumbância...

E aqueles mesmos depois passariam a dizer: "Formei-me no Rio por acaso, fui para lá por motivos de ordem particular e pedi transferência, mas aqui foi que aprendi..." É que então a nossa Faculdade já estava plenamente vitoriosa e era recomendação dizer que o diploma era dela... E eles assim se penitenciavam de terem ido, depois de terem aprendido tudo aqui, buscá-lo fora, porque a Faculdade era da província... Aconteceu isso também.

JOSÉ CLEMENTE

Publicada no *Estado de Minas* de 08-06-73

I X

A Medicina da capital cabe a responsabilidade de ficar Belo Horizonte, em certo período, apontada como cidade de coisas fenomenais.

Deve-se ao notável cirurgião dr. Davi Rabelo tal fama de capital de fenômenos, o que levou o cronista Rubem Braga a dizer que se lhe contassem haver uma mulher dado a luz a uma tartaruga, ele nem indagaria qual o lugar, pois só poderia ser Belo Horizonte...

O episódio levou o nome de nossa capital e do médico, que só cuidava de sua profissão e de estudar, averso a retumbâncias, às manchetes da imprensa do Rio e a repercussão fora do País.

Foi quando lá por 1921 ou 1922, correu a notícia de que em Belo Horizonte um médico transformara uma jovem de 17 anos em guapo rapaz.

O fato era verdadeiro mas a atoarda que a imprensa a ele deu e as coisas exageradas que se publicaram e se diziam levariam a pensar que quem não estivesse contente com o sexo que Deus lhe deu era só viajar para a capital de Minas, para a metamorfose desejada... O ilustrado dr. David Rabelo se viu assediado pelos repórteres do Rio, para entrevistas. E tinha de explicar e contar o que

ocorrera, pois, embora fosse o episódio desses que a ética médica não revela, o acontecimento se tornou público, escandalosamente público, porque, de repente, a jovem que a nossa sociedade conhecia como aplicada e inteligente aluna da Escola Normal surgiria nas nossas ruas vestindo terno, usando chapéu e bengala e até a fumar (mulher naquele tempo não fumava e ainda mais moça solteira!) freqüentando rodas de homens e indo até a cabaré.

O dr. David bem que procurava esclarecer, explicando que ele não era mágico, nem transformador da obra da Natureza, mas somente, como cirurgião acertara a obra da Natureza que, por inadvertência, durante dezessete anos, fora confusamente interpretada. Tratava-se de um caso de hipospádia, mas a criança desde que nasceu fora considerada do sexo feminino, por erro de parteira e pais. E como mulher foi crescendo e estudando até os 17 anos, embora as características do rosto e da voz fossem masculinas. Até que um dia, o pai, por apreensões bem justificáveis, achou conveniente levar a filha a um médico. Escolheu o dr. David Rabelo. E este logo apurou que se tratava de um rapaz autêntico e não de uma moça. E com seu bisturi restabeleceu a verdade encoberta. A satisfação na família foi grande e o cirurgião teve até uma homenagem partida dessa alegria doméstica: no registro de nascimento, que o Juiz foi obrigado, pela realidade, a mandar corrigir por despacho, o nome de Emília que era o da jovem, passou para David: era a gratidão ao médico descobridor.

E assim, por causa desse caso de órbita médica, Belo Horizonte se tornou objeto de comentários até no estrangeiro.

Como muita gente ingênua não entendeu o que acontecera, mas pensou que o dr. David era mesmo um cirurgião mágico, uma senhora, simples como ela só, foi procurá-lo, para dizer-lhe que era viúva e tinha uma filha de 13 anos que lhe dava muito trabalho por ser rebelde demais e pedir-lhe a esmola de transformá-la também em rapaz, porque assim poderia empregá-lo e ter menos trabalho com ele...

O dr. David me contou isso, rindo muito.

E para aumentar a fama da "cidade de fenômenos", a imprensa, logo depois desse caso, noticiava que um turco tivera um filho em Belo Horizonte e com cesariana!

Isso também era demais! A reportagem descabelada queria sensacionalismo. O fato foi reduzido ao que era. Um sírio aparecera com um tumor estranho na perna. Operado, foi encontrado um

feto. Tratava-se (era o que se explicava) de um irmão gêmeo que deveria nascer, mas lá ficou como quisto na barriga da perna... Isso é que foi divulgado.

O dr. David Rabelo, que era considerado um dos mais perfeitos cirurgiões, operou-se, ele próprio, quando teve apendicite, com anestesia local, fato que foi muito badalado na época, pela excepcionalidade.

ACADÊMICOS DE MEDICINA E AS LETRAS — A Faculdade de Medicina de Minas ao mesmo tempo que apareceu, abrindo um caminho novo ao ensino superior no Brasil — tirando os jovens que quisessem ser médicos da única opção Rio ou Bahia — teria aqui na capital — presenciei o fato e acompanhei-o — atuação marcante no campo literário, o que até então estava exclusivamente com a mocidade da Faculdade de Direito. Era dessa que brotavam os valores literários que se apontavam na época: os jovens oradores, poetas, escritores. Lá na Faculdade da praça da República — que só muito mais tarde passou a chamar-se praça Afonso Arinos — é que era o núcleo da inteligência moça da cidade. Lá é que estavam os estudantes intelectuais, os José Oswaldo de Araújo, Cisalpino de Souza e Silva, Columbano Duarte, Djalma Andrade e, apontado já naquela época como gênio, o estudante Francisco Campos.

Parecia que os estudantes de Medicina da Faculdade que surgia, porque suas preocupações fossem de ordem mais positiva, às voltas com Fisiologia, Anatomia, Patologia e a lidarem com cadáveres — coisas portanto pouco poéticas ou literárias — não seriam competidores dos estudantes de Direito. Foi um engano. Quando a Faculdade de Direito deu fê, a mocidade da Faculdade de Medicina já estava firme na liça literária, a impressionar a população com o vigor criativo da inteligência rumada para a Literatura. Lá se ia o que era monopólio dos acadêmicos de Direito... E com tal "elan", apareciam os poetas e os jovens escritores da Faculdade de Medicina — que fizeram uma coisa nova, inédita — uma grande revista literária, que foi a vitrine de apresentação dos que cultivam as Letras, sem se descuidar dos estudos médicos. Essa revista esplêndida de letras intitulava-se "Radium". Era dirigida pelos estudantes de Medicina e eles eram os seus principais colaboradores. Foi idéia de um estudante poeta: Tolentino Miraglia — irmão do nosso dr. Sílvio Miraglia, que é também médico e poeta. Era dirigida pelos estudantes Mário Mendes Campos, Ageo Pio Sobrinho, Clemente Medrado, Tolentino Miraglia e outros.

Já então, se não se mudava, há mais quarenta anos, o eixo da literatura jovem na capital, transferido da privilegiada mocidade da Faculdade de Direito para a mocidade da Faculdade de Medicina — passava a Literatura a ter eixo duplo — pois era também a Faculdade de Medicina um ninho de poetas e escritores, muitos dos quais saídos da Escola com seus diplomas, não se entregaram só à Medicina, continuariam fiéis à Literatura e hoje brilham nela, em Minas e no país, grandes médicos mineiros, que são, ao mesmo tempo, respeitados pelo que fazem na Medicina e nas Letras. O mal literário ataca os próprios médicos e não só os bacharéis... Felizmente, para as Letras.

JOSÉ CLEMENTE

Publicada do *Estado de Minas* de 14-06-73

X

Com esta crônica, termina a série de dez, reprodução dos capítulos da palestra que este cronista realizou no Departamento de Minas Gerais da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos, sob a presidência do dr. Sílvio Miraglia. Na reprodução da referida palestra em crônicas há informações e recordações de episódios que embora constassem do original lido para o auditório foram na ocasião omitidas, saltadas, para que a fala não se prolongasse além do tempo normal de tolerância dos ouvintes, o que deve ser levado em conta pelos que falam...

Um hábito, na raia médica, que por aqui durou muito tempo: o médico que tratasse de um doente teria o dever de assistir-lhe à morte, se o caso era desses incuráveis, para os quais a Ciência não tem remédio. Não seria presença casual, por estar o médico na casa no momento do desenlace. Não o queriam presente por causa da certidão de óbito. É que era considerado dever, assistir ele à cena final, compungindo-se ao lado da família, a presenciar a colocação da vela entre as mãos que se enregelavam à aproximação do pólo da morte. Costume da ética médica misturada com a ética social da época... E o médico era procurado até longe, para ir ver morrer o cliente, ao lado da família reunida.

Seria descortesia para com ele não chamá-lo para tal cena.

Muitas vezes, os doentes, tal a sua disposição despeditiva, dirigia-lhe algumas palavras, como aos membros da família reunidos, ou deitava-lhe só um olhar, no qual os assistentes reconheceriam o agradecimento mudo, que a literatice diz ser o mais eloqüente:

Conta-se que ilustre médico da capital, e não dos muitos antigos da cidade, presente a um desses epílogos, por que era muito distraído, tirou da carteira um cigarro e o acendeu na chama da vela do moribundo, sem perceber que os outros esbugalhavam os olhos, espantados...

A verdade é que não prescindia a família da presença do médico assistente na cena final chocante. Nenhum faltava a essa praxe.

E se faltasse?

Se faltasse cairia no desagrado da família, como aconteceu com um dos mais eminentes cirurgiões que Belo Horizonte já conheceu. Na Santa Casa, onde uma doente, por ele operada, expirava, ao ser chamado para ir ao quarto vê-la morrer, demorou um pouco, não foi, e ela morreu apenas entre os parentes. A família achou isso desconsideração, apesar de estar gratíssima ao médico pelos seus zelos e atenções.

Decorridos mais de 20 anos desse fato, esse eminente médico foi candidato a uma função eletiva. Eu ouvi, então, isto, do genro da morta: "O dr. Fulano é um grande candidato, o melhor da chapa, pois é inteligente, honesto e independente, mas sinto muito não poder dar-lhe meu voto, porque não posso esquecer que ele não deixou o seu gabinete, para ir ver minha sobra morrer..."

Vejam o poder de tal convencionalismo.

A mágoa, pela ausência do médico, ficou viva para sempre... Aqui já foi assim...

JOSÉ CLEMENTE

Publicada no *Estado de Minas* de 15-06-73